

O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Janielly Soares Ramos

UEPB

RESUMO: Ao observarem-se as aulas de português no ensino fundamental de 8º e 9º anos, constatou-se que a aula de Língua Portuguesa é dividida em gramática, Literatura e Produção Textual. Divisão essa que não deveria ocorrer e, além disso, há um direcionamento muito maior para a Gramática Normativa enquanto a Literatura e a Produção Textual são desprivilegiadas. Também ressaltamos que a aula é transmitida de forma monótona e cansativa usando apenas o quadro e o lápis. Com a ajuda de Guarnieri, Franchi, Marcelino e Ramos & oliveira defenderemos o uso de dinâmicas em sala de aula para tornar a aula mais interativa assim como a interação e diálogo da gramática com a literatura e a produção textual em sala de aula, pois só através desse diálogo é que se chegará a ter um bom ensino da língua portuguesa.

Palavras-chave: Gramática; Literatura; Produção Textual; Diálogo; Interação

INTRODUÇÃO

O componente curricular, “Língua Portuguesa”, assume a função de organizar as regras da gramática normativa e passá-las aos alunos de forma organizada e simplificada. É também com o ensino dessa disciplina que o discente deve aprender a elaborar textos com coesão e coerência.

Além de ensinar as regras da Gramática Normativa e ensinar os alunos a escrever redações, é também, responsabilidade do professor de língua portuguesa fazer com que os alunos conheçam as escolas literárias e as obras que as compõem.

Assim, podemos perceber que a disciplina “Língua portuguesa”, embora seja uma só, divide-se em três: Gramática – preocupa-se em ensinar as regras que regem a norma culta da língua -; produção textual – preocupa-se em ensinar aos alunos os tipos de textos e a variedade de gêneros textuais-, Literatura – preocupa-se em ensinar aos alunos sobre as escolas literárias, suas características e as obras -.

No entanto, foi possível perceber com a observação que e a disciplina “Língua Portuguesa” se divide em três outras, no entanto essa divisão não deveria acontecer, pois a língua se compõe de leitura, compreensão interpretação de texto. E ainda assim a gramática e suas regras são as mais ensinadas em sala de aula e a leitura de obras e

estudo de redações acabam sendo deixados de lado. Com isso os alunos têm acesso a um grande número de regras, mas, não as veem aplicadas (em obras de grandes escritores), nem às pode aplicar (em seus próprios textos). Porém como diz Sírio Possenti:

“Saber gramática’ não depende, pois, em princípio, da escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizagem sistemático, (grifo nosso) mas da ativação e amadurecimento progressivo (ou da construção progressiva), na própria atividade linguística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras.” (POSSENTI, 2006, p.25)

Com isso podemos entender que antes mesmo de chegar à escola o aluno já possui um conjunto de regras que compõem a gramática do meio em que vive, sendo assim cabe ao professor organizar essas regras e explicá-las introduzindo-as nos textos e na interpretação dos mesmos.

Com esse relatório poderemos esclarecer as nossas próprias conclusões a respeito da prática de ensino do professor de ‘Língua Portuguesa’, sobre tal qual é, e como deve ser. Poderemos também especificar os pontos positivos e os negativos no ensino dessa disciplina e apontar as melhorias que podem ocorrer mediante a intervenção.

Para embasar as afirmações deste relatório, contamos com o auxílio de Possenti, Guarnieri, Magnani, Marcelino e Ramos & Oliveira. Textos que nos ajudarão a ter uma visão mais clara sobre o ensino da Língua Portuguesa e as práticas de ensino atuais.

Para a elaboração deste artigo usamos a observação de dez aulas nas turmas de 8º e 9º anos e a elaboração de uma oficina na turma do 8º ano que teve como objetivo: ensinar o uso correto dos porquês. O relatório foi elaborado com base na observação nas salas de aula e na pesquisa bibliográfica.

1. OBSERVAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CENTRO EDUCACIONAL OSMAR DE AQUINO

A observação das aulas de Língua Portuguesa foi realizada no Centro educacional Osmar de Aquino, localizado na cidade de Guarabira-PB, Rua Luís José de Oliveira, nº215. Tendo como professor da escola-campo Antônio pereira Pontes Junior.

1.1 Caracterização da escola

O Centro Educacional Osmar de Aquino possui onze (11) salas de aula, um (1) laboratório de informática, uma (1) biblioteca, um (1) ginásio de esportes, três (3) banheiros para os alunos e três (3) para as alunas e um (1) para funcionários. Possui uma (1) secretaria, uma (1) sala de professores, uma (1) sala de direção, uma (1) sala de arquivos, uma (1) cantina, um (1) refeitório e um (1) auditório.

O corpo docente dessa instituição é composto por sessenta e oito (68) docentes sendo quarenta e nove (49) com nível superior e setenta por cento (70%) com especialização. Dividi-se em cinquenta (50) homens e dezoito (18) mulheres Todos de classe média. Sua clientela é de mil e sessenta e sete aluno e todos são de classe média-baixa.

Possui o Ensino Fundamental e médio (magistério). Funciona nos horários da manhã (dos 6 ° ao 9° ano do Ensino Fundamental e do 1° ao 3° ano do Ensino médio), à tarde (Fundamental, Médio e Magistério) e noite (2 ° ao 4° ano do magistério).

Seus aspectos pedagógicos são: três (3) diretores (manhã, tarde e noite), dois (2) diretores adjuntos, dois (2) coordenadores pedagógicos, dois (2) superiores de alunos, duas (2) merendeiras, dois (2) vigias, oito (8) secretárias (funcionárias da secretaria) e quatro (4) auxiliares de serviço.

1.2 Descrição das aulas observadas

No dia quatro de julho de dois mil e treze (04/07/2013), quinta feira. A observação foi realizada na turma de nono (9°) ano C. Uma turma bastante numerosa com cinquenta e um (51) alunos dos quais quarenta e quatro (44) estavam presentes.

Neste dia os alunos tiveram acesso ao conteúdo através da escrita no quadro. O professor pediu para uma de suas alunas que escrevesse no quadro o assunto “orações adjetivas”. Todos os alunos se concentravam em escrever a fim de concluir o mais rápido possível a escrita desse conteúdo.

Em dezoito de julho de dois mil e treze (18/07/2013), quinta-feira. A observação aconteceu em duas salas diferentes: duas aulas foram na turma de 8° ano B e outras duas, na turma de 9° ano C.

Na turma do 8º ano B, o docente fazia uma revisão dos conteúdos para aplicação de uma prova em uma aula expositiva. Os assuntos abordados nesse dia foram:

- Figuras de linguagem;
- Uso de “s” e “z” no meio de palavras;
- Conectivos;
- Voz verbal.

Na turma de 9º ano C o professor preparava a turma para uma aula expositiva de revisão dos conteúdos que seriam vistos na prova, porém, o diretor do colégio veio convidar os alunos dessa turma para homenagear outro aluno “Francivaldo Napoleão Herculano”.

Francivaldo é o aluno do 9º ano C que ganhou um concurso de redação promovido pela câmara dos vereadores de Guarabira. O concurso tinha como tema: “Guarabira: a cidade que queremos”. Das redações feitas foram escolhidas as vinte (20) melhores e das vinte (20) foram selecionadas cinco (5) para serem premiadas com um tablet.

Acompanhou-se, então, os alunos até a Câmara dos Vereadores, onde seria realizada a homenagem aos ganhadores do concurso. Nas redações foram citadas melhorias de segurança, saúde e educação. Coisas que foram tão exigidas pela população nas revoltas em forma de protestos que tomaram as ruas.

Em vinte e cinco de julho de dois mil e treze (25/07/2013), quinta-feira, a observação foi realizada na turma de 8º ano C. Dia de avaliação, os alunos silenciaram mais que nos outros dias, aparentemente estavam preocupados com a prova. Como a turma é pequena, com apenas quinze (15) alunos tudo correu bem na aplicação da avaliação e um a um os alunos iam deixando a sala.

Ministrou-se, no dia primeiro de agosto de dois mil e treze (01/08/2013), quinta-feira, a oficina: Usos do porquê, na turma do 8º ano C. A princípio os alunos mostravam-se dispersos e sem interesse de aprender o conteúdo, mas, isso mudou quando propôs-se uma dinâmica para a fixação do conteúdo.

Na dinâmica, deram-se orações e os alunos precisavam dizer qual o porquê se enquadrava melhor. Quem acertasse marcaria ponto para seu grupo, quem errasse marcaria ponto para o grupo adversário. A turma foi dividida nos grupos: “A” e “B”. O grupo “A”, composto pelas meninas ganhou o jogo.

1.3 Análise das aulas observadas

1.3.1 As práticas de Gramática

Ensinada de maneira monótona e cansativa a gramática não possui nenhum atrativo para os jovens que em sua maioria são agitados e imperativos. Cabe ao professor tentar ao máximo passar a gramática de maneira contextualizada e com bastante criatividade a fim de provocar o interesse no aluno, pois como afirma Possenti: “Criatividade é, {...}, mais que um elo entre o conhecimento e a arte. Liga-os a própria vida e à ação do homem sobre o mundo. Mais que um elo entre diversas atividades e projetos, é **condição** deles (**grifo nosso**)” (POSSENTI, 2006, p.45).

Podemos então concluir que a criatividade é uma condição indispensável para o ensino da gramática e só através dela poderemos desenvolver nos alunos o interesse pelos conteúdos da gramática que ainda são um desafio para a prática docente.

Percebemos, no entanto, que as aulas observadas não foram ministradas com criatividade e os alunos não se mostravam interessados naquele conteúdo. Além disso, a Gramática era ensinada aos alunos de forma descontextualizada e sem ligação a textos o que dificultava a compreensão e interpretação das regras gramaticais. Porém Possenti afirma que:

“Gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, *estabelecidas* pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores.

Dizer que alguém ‘sabe gramática’ significa dizer que esse alguém ‘conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente’.
“(POSSENTI, 2006, p.16)

Assim pode-se afirmar que de nada vale conhecer todas as regras gramaticais que compõem a língua portuguesa se não compreender a língua nas suas noções mais básicas e se não se souber como trabalhar com essas regras na prática, isto é, se alguém não consegue interpretar o texto e se não consegue elaborar uma redação, então de nada valem seus conhecimentos sobre a gramática.

1.3.2 As práticas de Leitura

Como observado, a prática de leitura se mostrou inexistente na sala de aula. Na verdade, podemos perceber que o ensino das regras gramaticais toma todo o tempo na sala não restando tempo para a apreciação e estímulo para a leitura, principalmente de obras literárias. Não detectamos no docente o desejo de despertar nos alunos pela leitura. Veja o que diz Marcelino:

A leitura como paixão, como vício, como algo pelo qual se é voraz, algo para o qual se seduz, habita nosso imaginário. Essas imagens guiam o nosso propósito e empenho de formação do leitor jovem. Assim como a imagem do leitor que de tanto gostar de ler e dedicar-se à atividade torna-se o escritor. (MARCELINO, 2003, P.40)

Falta o professor aprender a conduzir o aluno pelo caminho da leitura para que essa lhe desperte paixão e vício, para que assim, quem sabe um dia, esse aluno possa se tornar um escritor e grande conhecedor das regras gramaticais que é algo que tanto almejam os professores de gramática. Como diz Magnani:

“A falta de hábito de leitura tem sido apontada como uma das causas do fracasso escolar do aluno e, em conseqüência, do seu fracasso enquanto cidadão. Subjacente a essa idéia não só se encontra a crença de que a escola forma para a vida e que a leitura, especialmente a da literatura, tem grande parcela de responsabilidade nessa formação, como também se evidencia a vinculação histórica entre literatura e escola, o que se torna mais problemático quando se pensa na instituição escolar como um espaço de conservação e na literatura como a possibilidade da contradição e do movimento e, portanto, como agente de transformação”. (grifo nosso) (MAGNANI, 2001, p. 11)

Através da prática de leitura o aluno poderá ter um bom desempenho na escola e até mesmo na vida, pois a prática de boas leituras é capaz de estruturar e formar o caráter desses cidadãos que precisam de uma formação que vá além de regras descontextualizadas e que sozinhas não dizem nada.

1.3.3 As práticas de produção de texto

Ao menos nas aulas observadas não vimos nenhuma aula a respeito das produções textuais. No entanto, houve um concurso, produzido pela câmara dos vereadores de Guarabira, no qual um dos alunos do 9º ano foi classificado.

Com isso podemos identificar que, ainda que pouco, há o ensino dos tipos e gêneros textuais e o uso de coesão e coerência, nos textos. Ainda assim, na prática

docente é a gramática muito mais privilegiada no momento da aula. Porém como diz Possenti.

“O objetivo fundamental da escola é o de levar a criança a produzir textos e compreendê-los de um modo criativo e crítico. Assim, são mais importantes, na escola, as noções relativas ao texto e ao discurso e a análise textual e não as noções gramaticais e as análises sintáticas”. (POSSENTI, 2006, P. 11)

Podemos concluir com isso que, de fato, a escola não está cumprindo com aquilo que se propõe a fazer que, ou seja, conduzir os alunos a serem críticos e criativos na produção textual e mesmo ao longo de sua vida.

1.3.4 As metodologias utilizadas

Para levar aos alunos as regras gramaticais, o professor utilizou-se de aulas expositivas, no entanto, como aula expositiva deixou a desejar, pois se o professor explicava em um dia é porque no dia anterior tinha perdido tempo escrevendo no quadro, ele ainda, fazia com que uma de suas alunas escrevesse para ele no quadro enquanto ficava sentado olhando.

1.3.5 Os recursos

No dia da homenagem aos alunos ganhadores do concurso de redação promovido pela câmara dos vereadores um dos participantes disse: “Educação não se faz só com giz e apagador”. No entanto, não foi isso que percebemos em nossa observação.

O professor não utilizou nenhum outro recurso se não quadro, o lápis e o apagador. Nem textos, nem filmes, nem imagens, só o quadro e o livro didático. Um recurso extremamente tradicional.

Pareceu-se que o professor sequer passou por uma formação para transformar sua aula em algo agradável, porém como diz Garnieri.

“Ao se deparar com a situação real em que se dá a prática pedagógica, o professor iniciante pode abandonar ou mesmo rejeitar os conhecimentos

teórico-acadêmicos que recebeu em sua formação”. (VEENMAN, apud. GUARNIERI, 2005, P. 11)

Pode-se dizer que esse docente perdeu sua criatividade devido à monotonia da prática diária da docência. Acabou se rendendo ao método tradicional e esquecendo seus conhecimentos teórico-acadêmicos.

1.3.6 Avaliação

Para avaliar seus alunos e os conhecimentos adquirido o docente utilizou-se de prova, o que é válido, já que é dessa forma que os conhecimentos adequados pelos alunos serão avaliados ao longo de suas vidas.

Porém, a avaliação do professor deve ir além de uma prova que avalia o quanto um aluno consegue compreender um conteúdo, ou mesmo, decorar regras. Na vida futura do aluno. Além de seus conhecimentos acadêmicos. O aluno também será avaliado pelo respeito, pontualidade, criatividade e espírito de liderança.

Cabe ao professor procurar o melhor momento para avaliar os alunos, nesses outros pontos que servirão para a avaliação desses futuros profissionais.

1.3.7 professor x aluno

O professor conseguia manter uma ótima relação com seus alunos, no entanto, eles se tratavam muito mais como colegas. Não havia uma posição hierárquica entre eles. Daí o respeito com que os alunos tratavam o professor não era o adequado para o ambiente.

O professor, perceptivelmente, deixava de tocar em determinados temas, para não “chatear” o aluno, que por sua vez se sentia a vontade para fazer e falar o que quisesse. É como diz Vale citado por Ramos & Oliveira:

É evidente que pela educação, e principalmente pela educação pública, estamos limitados pela própria administração da escola, pelas normas que nos são impostas para serem executadas, (...), estamos limitados por toda essa “engrenagem” que constitui e caracteriza a escola pública de hoje. Essa é uma realidade com a qual convivemos cotidianamente e contra a qual

teremos que lutar, visando a uma nova realidade educacional, uma nova escola. (VALE, apud, RAMOS & OLIVEIRA, 2011, p. 2).

Podemos perceber que, o docente, se encontra coagido a ensinar o conteúdo que lhe é imposto pelo sistema, pela escola, pelo governo e pelo próprio aluno. Como autoridade máxima em sala de aula o professor não tem mostrado autoridade nenhuma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ha tanto tempo se fala da função do professor educador que, talvez por esperança, imaginei que já não se ensinava a língua portuguesa como na época que estudei. Sabia que nem tudo havia mudado, mas pensava que a língua portuguesa já fosse ensinada de forma contextualizada e criativa. E que o professor como educador, levasse mais que regras gramaticais aos seus alunos.

São tantas as dificuldades enfrentadas pelos alunos (adolescentes), que esperava que o educador levasse a sala de aula temas como drogas, tráfico, família, amigos e por que não dizer Deus. Temas que levariam os estudantes a uma reflexão.

Contudo, tive terrível decepção ao perceber que o modelo do ensino da língua continua sendo o tradicional. Mesmo o professor sabendo de casos em que seu aluno se envolvia com drogas, nenhuma orientação foi mencionado em sala de aula.

O professor não consegue cumprir sua função de educador. A escola não consegue formar cidadão, e esses adolescentes estão perdidos e sem orientação alguma para a vida.

Precisa-se de colégios mais equipados (embora o colégio seja bem desenvolvido), com salas mais amplas e com menor número de alunos para que o ensino/aprendizagem seja possível. Precisam-se de menos regras e mais reflexão. Precisa-se de mais entrega e menos egoísmo. Precisa-se de compromisso.

Compromisso do governo para melhorar as condições de ensino e estimular os professores. Compromisso da escola para compreender as necessidades de cada aluno. Compromisso do professor para preparar seus alunos não para o vestibular, mas para a vida. Compromisso dos alunos para aprender a crescer e viver. E mais, compromisso de toda a sociedade para formar um cidadão brasileiro que de orgulho ao nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência? Maria Regina Garnieri (org.). – 2. Ed. – Campinas, SP: Autores associados; Araguara, SP: programa de pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. 2005.

FRANCHI, Carlos. Mas o que é mesmo “gramática”?/ Carlos Franchi; [com] Esmeraldavailati Negrão & Ana Lucia Muller. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCELINO, Fernanda Torresan. O ler por prazer: a construção de uma forma de entendimento da leitura nos anos 80 / Fernanda Torresan Marcelino. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003

RAMOS, Janielly Soares; OLIVEIRA, Renato da Silva. A Leitura e a Escrita como Soluções para Problemas da Aprendizagem. ISSN: 2178-731X. 2011.